

A eleição de um líder e a legitimação da violência como causadora de sofrimento mental

A eleição de um líder e a legitimação da violência como causadora de sofrimento mental

Fernanda Cabral Samico[†], Tatiane da Silva Tavares[‡]

Como citar esse artigo. Samico F.C., Tavares T.S. A eleição de um líder e a legitimação da violência como causadora de sofrimento mental. Revista Mosaico - 2019 Jul./Dez.; 10 (2): 52-57

Nota de Editoria

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

Esse artigo surge da tentativa de responder algumas inquietações suscitadas a partir da polarização política que vem se desenhando nos últimos anos e os mal-estares que a proliferação do discurso segregador vem causando. Pretendemos lançar um olhar investigativo nos elementos que apoiam o discurso de violência que vemos cotidianamente nas redes sociais e nas relações sociais, a ponto de suspender os pudores que normalmente temos com pessoas amadas e colegas. Cabe também perguntar: essa alienação a um dos lados da polarização produz adoecimento mental? Lançamos mão da psicanálise, especificamente nas teorizações acerca da cultura e da formação de grupos para defendermos que, a partir da eleição de um líder, promove-se a formação de um raciocínio “nós versus eles” discriminador, que pode servir como um catalizador para o discurso de ódio e a violência. Quando confrontados com argumentos que não se alimentam do raciocínio da intolerância e da segregação, os sujeitos reagem de maneira alienada e violenta porque se deparam com o aspecto vazio e sem significação que sua filiação ao grupo representa, em última análise. Percebemos, então, que o efeito dessa alienação ao grupo produz relatos de fenômenos ligados ao trauma: o desamparo, a angústia e as passagens ao ato. A maneira de produzir alguma estratégia de modo a construir vias de sustentação da tolerância é promover o agenciamento de outros discursos, produzindo lugares de fala sustentáveis nos espaços públicos e privados, que possam remeter a plasticidades das identidades dos sujeitos.

Palavras-chave: Psicanálise; Violência; Sofrimento; Líder; Política Partidária

Abstract

This article arises from the attempt to answer some concerns raised from the political polarization that has been developing in recent years and the discomfort that the proliferation of segregating discourse has caused. We intend to take an investigative look at the elements that support the discourse of violence that we see daily in social networks and social relations, to the point of suspending the shame we usually have with loved ones and colleagues. One must also ask: does this alienation on one side of polarization produce mental illness? We use psychoanalysis, specifically theorizing about culture and group formation to argue that, by electing a leader, the formation of a discriminating “we versus them” reasoning can be promoted as a catalyst for hate speech and violence. When confronted with arguments that do not feed on the reasoning of intolerance and segregation, subjects react in an alienated and violent manner because they come across the empty and meaningless aspect that their group membership ultimately represents. We realize, then, that the effect of this alienation to the group produces reports of phenomena linked to trauma: helplessness, anguish and the passages to the act. The way to produce some strategy in order to build ways of sustaining tolerance is to promote the agency of other discourses, producing sustainable places of speech in public and private spaces, which can refer to the plasticities of the subjects' identities.

Keywords: Psychoanalysis, Suffering, Violence, Leader; party politics

Introdução

Em 2018, assistimos a acentuação de uma polarização política que vinha se desenhando nos últimos anos. Especificamente no caso do Brasil, na corrida eleitoral do segundo turno, assistimos como os candidatos e seus eleitores usaram de maneira exaustiva suas redes sociais para se manifestar publicamente. Contudo, vimos também aumentar um discurso violento disseminado através dessas mídias sociais, causando

brigas entre amigos, discussões em grupos de famílias e ofensas entre completos desconhecidos. Esse cenário hostil contribuiu, e segue colaborando, sobremaneira para o adoecimento dos indivíduos, que voltaram suas angústias para os psicólogos e psiquiatras.

A pergunta sobre a qual pretendemos nos debruçar neste artigo tem nesses eventos um ponto de convergência: o que apoia esse discurso de violência a ponto de suspender os pudores que normalmente temos com aqueles que amamos ou com quem cultivamos certa deferência? Essa alienação à um dos lados da

Afiliação dos autores: [†] Doutora em Psicanálise pela UERJ / Curso de Psicologia / Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil
[‡] Acadêmica de Psicologia pela Universidade de Vassouras / Curso de Psicologia / Universidade de Vassouras, Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil

* Email de correspondência: tati_tavares13@hotmail.com

Recebido em: 14/05/18. Aceito em: 01/08/18.

polarização produz adoecimento mental? Para nos auxiliar nesta questão, lançamos mão da psicanálise em Freud e Lacan, porque defendemos que sua doutrina oferece importantes contribuições, dado que detém seu interesse teórico em dualidades tais como interior/exterior e indivíduo/sociedade, nomeadamente nas ocasiões em que a subjetividade desabrocha dentro das circunstâncias objetivas de dúvida, de insegurança ou de transformação da ordem social.

A psicanálise, ao que parece, é a disciplina que poderia nos ajudar a entender como na intolerância há um além, um gozo que funciona no cerne deste processo evocando um circuito que ultrapassa os entendimentos racionais sobre o sentido destes comportamentos. (FANTINI, 2016, p. 108)

A função do líder

Freud é categórico quando afirma, em seu texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” (1921/1996) que não há oposição entre a psicologia individual e a psicologia social, argumentando que aquilo que nos forma como singulares é também efeito da convivência com outros, a partir de laços amorosos e sociais cultivados desde a mais tenra idade.

É verdade que a psicologia individual abrange o ser humano em particular e estuda os caminhos pelos quais busca alcançar a satisfação de suas moções pulsionais. No entanto, apenas raras vezes e sob determinadas condições excepcionais este indivíduo pode prescindir de seus vínculos com outros. Na vida anímica do indivíduo, com total regularidade, o outro conta como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo. Portanto, desde o princípio, a psicologia individual é simultaneamente uma psicologia social. Em sentido *lato*, mas totalmente legítimo. (FREUD, 1921/1996, p. 67)

Então, se formos rigorosamente freudianos, não podemos prescindir do efeito da presença do outro no entendimento da constituição da subjetividade. Entendemos que elementos que estão presentes na formação do sujeito também se encontram na formação do social e vice-versa. A identificação é o processo construtor do ego como tal e de seus domínios, assim como também é formador dos vínculos humanos, tanto privados quanto públicos. Portanto, falar da construção da subjetividade implica falar da construção da cultura. Tal raciocínio nos direciona ao tratado de Freud sobre a gênese da civilização: “Totem e tabu” (1913 [1912]/1996).

Nesse tratado, Freud (1913 [1912]/1996), ao elucidar sobre a organização da população dos aborígenes, enfatiza a existência de um grupo que instituiu uma sociedade totêmica, que estabelece e organiza as relações entre os indivíduos desta tribo aborígene. Apesar de não haver nenhuma lei de instituição religiosa ou social, os integrantes desta sociedade que se fragmenta em associações menores, denominadas como clãs (totemismo), são organizados

por intermédio de seu totem, que resultará na lei dessas tribos. As leis são, basicamente, entidades desenvolvidas por regras impostas para serem seguidas, sendo assim, com o totem não seria diferente, pois reflete uma ideia de norma soberana.

O totemismo organiza as relações sociais dentro desses grupos primitivos, determinando, acima de tudo, as regras das relações amorosas e de formação de núcleos familiares. Apesar disso, as proibições não impediam alguns de sustentarem o desejo que sentiam por outro alguém do mesmo totem, mas, ao escolher sustentarem essa vontade, ficariam passivos de severas consequências, afetando não somente os envolvidos, mas também, o grupo inteiro do clã. Isso demonstra uma ideia de exogamia, que seria a própria proibição das relações sexuais entre os indivíduos do mesmo clã de origem. A característica dessa lei despertou a curiosidade e o interesse de Freud, que chegou à conclusão de que essa proibição, no fim, seria um impulso para o desejo do ato proibido.

Ao analisar as características dos tabus dos povos primitivos, Freud (1913 [1912]/1996) definiu o tabu como algo que reflete alguma proibição e restrição; algo relativo a temor sagrado.

Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. (FREUD, 1913 [1912]/1996, p. 48).

O autor ressalta a ambiguidade que está por trás do tabu. Apesar de se restringirem de algo desejoso por causa de punições severas para os que não se adequassem a esse estilo de vida, isso, de fato, não anularia esse desejo considerado como proibido, pelo contrário, realçaria ainda mais esse desejo, justamente por ser proibido, mesmo com toda a fomentação de que deveria se adequar ao modelo que era tido como certo e que preservaria toda a comunidade. É importante salientar que esses desejos seriam todos de ordem inconsciente nos membros daquela tribo, assim como nos neuróticos.

Para Freud (1913 [1912]/1996), o tabu mostra-se importante por dois vieses: ao ser comparado com o “imperativo categórico”, um termo kantiano que traz a definição da importância do indivíduo que segue algum tipo de princípio imposto pela própria comunidade, com a justificativa de que ao respeitarem e seguirem esses princípios éticos seria algo benéfico para a própria comunidade. E interligado ao conceito do tabu referente aos povos primitivos, sendo as proibições e condutas morais atuais em nossa sociedade.

A partir de exemplos etnológicos, o autor aplica o esquema interpretativo do complexo de Édipo na sua

célebre hipótese da horda primitiva, segundo a qual os primeiros grupos humanos teriam sido comparáveis às hordas que encontramos em certos grupos de animais: certo número de fêmeas e de jovens machos conduzidos por um macho velho, o pai da horda (*Urvater*). Na tribo primitiva, os irmãos, desejosos de unir-se às mães teriam assassinado o *Urvater* e, para incorporar seu poder; comeram-no num banquete canibal, mas acabaram se culpando pelo crime cometido. (FREUD, 1913 [1912]/1996) Estremecidos com a culpa avassaladora decorrente da morte do pai, os irmãos estabelecem duas regras de acordo com o aspecto do tabu para aquela sociedade primitiva: a vedação do assassinato e o impedimento do incesto. Segundo Freud (1913 [1912]/1996), eles

[...] anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos renunciando à reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, correspondeu inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem quer que infrinja esses tabus tornava-se culpado dos únicos dois crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava. (FREUD, 1913 [1912]/1996, p. 151).

A integração da Lei do pai, a partir do banquete totêmico, possibilita um caminho para a identificação com o pai da horda e, acima de tudo, com seu representante simbólico: o totem. Adotando esse entendimento, a identificação a partir do totemismo é o requisito para a concepção de uma certa identidade, porque viabiliza “a inscrição do ser falante em linhagens e genealogias e, como efeito, permitir as trocas simbólicas entre os considerados semelhantes, aqueles que se inscrevem sob o totem e sua proibição [...]” (SAMICO, 2018, p. 69) A identificação com o totem consente, contraditoriamente, tanto a individualização quanto a socialização, porque nomeia os indivíduos ao mesmo tempo que os inscreve em uma relação de parentesco.

Sobre o banquete totêmico e sua relação com o mecanismo de identificação, Lacan (1956-57/1995, p. 176) assevera que “[...] a metáfora subjacente à introjeção é uma metáfora oral”. De maneira que, devido à incorporação, haverá continuamente uma ambivalência nos processos identificatórios, nos quais o objeto desejado é absorvido pela ingestão e, portanto, destruído. “A identificação tem sido comparada, [...], com a incorporação oral, canibalesca, da outra pessoa. A identificação é uma forma muito importante de ligação com o próximo, provavelmente a mais originária [...]” (FREUD, 1933 [1932]/1996, p. 58).

Conforme aponta Eugene Enriquez:

Não é por acaso, então, que depois de *Totem e tabu* Freud se inclina ao estudo do narcisismo, onde o “ego” se transforma em um “objeto”, uma imagem, um vestígio de identificações passadas, e sua teoria se orienta em direção

à psicologia das massas e da pulsão de morte. *Totem e tabu* traçou uma nova via (contudo, Freud não abandonará totalmente a antiga), a da especulação filosófica, da reflexão sobre o social e a cultura, e sobretudo da exploração *do que resiste* à análise, daquilo que impede radicalmente a felicidade da humanidade: a presença persistente do desejo de assassinar (ENRIQUEZ, 1999, p. 29, grifo do autor).

Com a introdução do narcisismo como conceito, Freud (1914) associa a estrutura narcísica da eleição de objeto à concepção de uma categoria ideal, sujeita ao deslocamento dos investimentos libidinais do narcisismo primário, deixado na primeira infância. Para dar conta da reminiscência desse amor de si próprio, cria-se a convicção de que existiria um aspecto ideal do ego, separado do que Freud chamará de “ego real”, na qual todas as fantasias infantis de onipotência seriam investidas.

Não nos cabe aqui explicitar de maneira metódica a teoria do narcisismo, mas é importante dizer que, com o narcisismo sistematizado, Freud consegue elucidar também o funcionamento do comportamento de intolerância, da segregação e de violência na cultura ocidental, na tentativa de explicar como os indivíduos que vivem em sociedades entendidas como civilizadas teriam uma presente disposição à agressão uns contra os outros. Para o pai da psicanálise, haveria uma ação disposta a estigmatizar o outro com o que ele chama de “pequenas diferenças” que edificariam um crescente estranhamento deste outro e, conseqüentemente, a segregação nos grupos que possuiriam esses elementos de diferença. Lacan, por sua vez, aponta para a identificação articulada ao narcisismo como ponto importante para entendermos a formação do ideal do ego, que ele chama de “outro eu” no sujeito.

Acompanhando o texto de Freud, a identificação é uma função mais primitiva, mais fundamental, na medida em que ela comporta uma escolha de objeto, mas uma escolha de objeto que não deixa de ser forçosamente articulada de uma maneira muito problemática, pois a análise freudiana vai ligá-la profundamente ao narcisismo. Para ir o mais longe possível, no sentido perfeitamente articulado por Freud, digamos que este objeto seja uma espécie de outro eu (moi) no sujeito. (LACAN, 1956-1957/1995, p. 174)

O Papel Do Líder Na Psicologia Dos Grupos

Voltemos ao texto anteriormente citado, “Psicologia de grupo e análise do Ego”, de 1921. O que motivou Freud a escrever esse importante texto para o entendimento dos movimentos grupais foi a percepção que teve ao se deparar com os adventos da Primeira Guerra Mundial, de comportamento que os soldados tiveram que contrariavam a lógica da autopreservação.

A proposta freudiana refuta as hipóteses de seus contemporâneos sobre os movimentos das massas como efeitos de contágio ou como instinto gregário, por exemplo, e lança mão do que já havia sistematizado sobre a questão da sugestão hipnótica e da transferência, associando-a à teoria da libido. (SAMICO, 2018, p. 73)

Após perceber que os indivíduos demonstram ter condutas e reações diferentes quando se encontram inseridos num determinado grupo, Freud (1921/1996) buscou esclarecer o fundamento disso, uma vez que o indivíduo não age do mesmo modo quando está sozinho, e anula sua individualidade para estar em conjunto com esse aglomerado. É importante ressaltar que os grupos nos quais Freud deita sua análise são os chamados “grupos artificiais”, porque não envolvem consanguinidade. Ele escolhe como paradigmas dois grupos específicos: a igreja e o exército.

Partindo do pressuposto que toda igreja e exército contam com a presença de um líder para funcionar, Freud (1921/1996) ensina que os indivíduos que lá estão só permanecem dentro deste grupo por causa de um investimento libidinal de cada um para com seu líder (fator predominante), e no relacionamento que o sujeito tem com o restante das pessoas que compõem o grupo. O líder (Cristo ou o comandante) transmite aos demais daquele aglomerado algo que os faz acreditar que todos são amados incondicionalmente e igualmente por ele, mesmo que isso não tenha sido dito pelo próprio.

A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo. E no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que os indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo. (FREUD, 1921/1996, p. 107-108).

A todo esse amor que percorre essa composição grupal, Freud (1921/1996) o conceituou como advindo de impulsos consideravelmente afetuosos que não chegam ao seu alvo original, pois em algum momento, afastaram-se daquele objetivo principal. Além do amor, outro mecanismo de investimento de objeto é apontado por Freud (1921/1996) como uma maneira de associação ao afeto, e a ele deu o nome de identificação.

Juntamente com o amor ao líder, é a identificação que torna possível acontecer a construção do laço afetivo entre esses sujeitos, ou seja, é o que mantém o “bom” relacionamento da contínua convivência entre os membros desse grupo. Esse mecanismo pode apresentar-se na familiaridade de algo em comum de grande relevância afetiva para esses indivíduos e, também, por um caminho em que a identificação faz o papel da relação com o objeto desejado, onde ocorre a introjeção das características do objeto no Ego. “[...] a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação”

(FREUD, 1921/1996, p. 110)

Segundo Freud (1921/1996), a identificação se estabelece a partir da introjeção do objeto no Ego e advém do conceito que o mesmo formulou para o Ideal do Ego (herdeiro narcísico), que seria toda construção psíquica que o ser humano faz a partir das influências/experiências que “sofre” do mundo externo, com as muitas imposições feitas ao Ego. Esse “sofrimento” acarreta a divisão do Ego, uma vez que essa relação com o mundo externo causa conflito por agir sob o domínio da autopreservação, sendo esta responsável por: controle do que o sujeito sonha; consciência dos bons costumes (moral) e o primórdio para que a repressão aconteça. Sendo assim, a identificação envolve tanto o laço emocional com o líder, quanto o laço emocional que é construído entre os membros do grupo que investem em um mesmo objeto.

Freud (1921/1996) aponta para, tanto no processo de estar amando quanto no mecanismo da hipnose, elementos importantes que abrangem o objeto e o Ego. Enfatizou no estar amando a maneira como a idealização aparece na relação desses dois últimos citados - objeto e Ego -, pois o objeto amado é tão apreciado, ao ponto de o Ego tornar escasso todo tipo de julgamento para com esse agente de seu afeto. Muitas vezes, toda essa admiração por esse agente leva o Ego a colocar o objeto no lugar de um ideal jamais alcançado por ele próprio. No caso da hipnose, tendo em vista que ela está diretamente relacionada com o estar amando, Freud (1921/1996) relata que os impulsos sexuais diretos não se encaixam nesta situação.

No que diz respeito ao fundamento libidinal dos grupos artificiais, o estar amando e a hipnose estão presentes paralelamente na essência dos impulsos precisamente sexuais e na interdição do alvo sexual das ligações objetais. Com base nisso, Freud (1921/1996) chegou a uma conclusão que pudesse esclarecer todo o fundamento libidinal desta modalidade de grupo: “[...] é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram com os outros em seu ego” (FREUD, 1921/1996, p.120).

Até então, os conceitos – estar amando e hipnose - aqui usados, definiram claramente o comprometimento do relacionamento dos sujeitos com o seu líder e, para explicar o relacionamento do líder com os sujeitos do grupo que o segue, Freud (1921/1996) retorna ao mito da horda primeva, no qual evidencia que o indivíduo não é um animal instintivo da natureza, mas sim, um animal que precisa estar sob a direção de um líder para este tornar possível ao homem viver em comunidade. Conseqüentemente, o pai primevo seria o Ideal daquele grupo, que possui o Ego no controle ao invés do ideal do Ego.

É de certa clareza que a formação de um grupo acontece em prol de um objetivo em comum entre

aquelas pessoas, mas, ao mesmo tempo em que esse fator em comum os une, também os torna intolerantes e cruéis com os indivíduos que não compactuam da mesma crença/opinião e, por consequência, são os que não estão inseridos naquele grupo. Segundo Freud (1921/1996), o ser humano camufla a essência do seu Ego narcísico quando está incluído na constituição de um determinado conjunto de pessoas e isso acontece justamente por causa do propósito da equidade que os une. O narcisismo deixa de ser uma questão a partir do momento em que o sujeito ama o seu líder e os demais indivíduos do grupo.

Podemos, então, sustentar a hipótese de que, a partir da eleição de um líder, um grupo artificial tem sua gênese. E as decisões e deliberações desse líder parecem tomar o lugar do desejo de um pai onipresente, cujas ações são justificadas e executadas por seus membros a partir do amor que sentem pelo ideal que ele representa. Quando consideramos os grupos, é preciso ter em conta os afetos presentes nas organizações coletivas: revolta, desejo, pânico. Lacan ponderou sobre a angústia-pânico, que Freud localizava como efeito da desagregação do grupo, que ela revela, por meio de ódio e agressividade, a pulsão de morte no que resta da operação de identificação com o outro. (LAURENT, 2000)

Dito de outra maneira, existe um lugar que as identificações ocupam que serve a algumas funções do Ego. A partir do mecanismo da identificação, a eleição de um líder que ocupa o lugar de Outro, justifica as ações executadas por seus seguidores, apoiados no amor que sentem pelo ideal de Ego que o líder representa. Assim, qualquer manifestação de afeto que contradiga as indicações do líder, coloca em risco o bom funcionamento da colagem grupal, porque denuncia uma possibilidade de dissolução do grupo, já que aponta para uma vacilação das identificações. A intolerância com a diferença, portanto, é entendida como uma defesa do grupo, que teme por sua dissolução.

Após todo esse exercício teórico, podemos sustentar que a eleição de um líder legitima a formação de um raciocínio “nós *versus* eles” discriminador, que pode servir como um catalizador para o discurso de ódio e a violência. Se, conforme demonstramos, os grupos mantêm sua coesão nos laços amorosos que compartilham entre os seus, mesmo o impulso libidinal estando inibido em sua finalidade, isso apenas se justifica se existirem outros indivíduos, grupos ou ideologias para suportarem a emergência de sua agressividade. Tal agressividade é inerente ao ser humano, e precisa de leis para sua contenção, em nome da civilização. (FREUD, 1929/1996.) Assim, como salienta Freud: “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização”. (FREUD,

1929/1996, p. 137) Segregando aquilo que preferimos não nos haveremos, exatamente por representar uma diferença constitucional, estamos desculpados por nossa própria consciência para praticar a nossa agressividade mais primitiva.

Considerações finais

Esses sintomas coletivizantes, contudo, funcionam como um apoio imaginário, que, se colocado em cheque, revela sua fraqueza em sustentar as identificações que mantêm os discursos alinhados e pertinentes ao que creem ser diretrizes advindas do líder. Quando confrontados com argumentos que não se alimentam do raciocínio da intolerância e da segregação, os sujeitos reagem de maneira alienada e violenta porque se deparam com a aspecto vazio e sem significação que sua filiação ao grupo representa, em última análise.

Percebemos, então, que o efeito dessa alienação ao grupo produz relatos de fenômenos ligados ao trauma: o desamparo, a angústia e as passagens ao ato. A natureza do trauma é uma ferida narcísica que produz no sujeito uma marca indelével, um ponto final na narrativa do Ego e, por conta disso, nas identificações que os sustentam. Entendemos que esse movimento alienante lança os sujeitos ao desamparo e à errância de seu gozo, levando-o a tomadas de decisões, perpetuações de discursos e passagens ao ato de extrema violência, tanto para si próprios quanto para os outros. A maneira de produzir alguma estratégia de modo a construir vias de sustentação da tolerância é promover o agenciamento de outros discursos, produzindo lugares de fala sustentáveis nos espaços públicos e privados, que possam remeter a plasticidades das identidades dos sujeitos. Em última análise, é preciso entender que não é preciso sustentar um apagamento de si em nome de um líder para não ter que aceitar no outro o estranho (*unheimlich*) ou o estrangeiro de si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENRIQUEZ, Eugene. Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1999.
- FANTINI, João Angelo. Raízes da Intolerância: a segregação imaginária do outro. SIG Revista de Psicanálise. EdUFSCar, n.1, 2016 p. 133- 111.
- FREUD, Sigmund. (1913 [1912]) Totem e Tabu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. [1914]. Sobre o narcisismo: uma introdução. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1919). O estranho. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- _____. (1921) Psicologia de Grupo e Análise do Ego. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

_____. (1929). O mal-Estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

_____. (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias de psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

LACAN, J. (1956-1957/1995) O Seminário livro 4, A relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAURENT, Eric. Sete problemas de lógica coletiva na experiência da psicanálise segundo o ensinamento de Lacan. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 26/27, p. 17-34, abr. 2000

SAMICO, Fernanda Cabral. A supervisão psicanalítica na universidade e a instituição polícia militar: relato de uma experiência. 2018. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.